

J. PINTO PEIXOTO ▪ F. R. DIAS AGUDO ▪ J. TIAGO DE OLIVEIRA ▪ J. CAMPOS FERREIRA
MARGARITA RAMALHO ▪ A. RIBEIRO GOMES ▪ ARMANDO POLICARPO ▪ F. DUARTE SANTOS
J. GOMES FERREIRA ▪ L. A. MENDES VICTOR ▪ MANUEL LARANJEIRA ▪ M. GOMES GUERREIRO
J. CÂNDIDO DE OLIVEIRA ▪ ROBALO CORDEIRO ▪ J. CELESTINO DA COSTA ▪ A. CASTRO CALDAS
BARAHONA FERNANDES ▪ ARANTES E OLIVEIRA ▪ A. F. CARVALHO QUINTELA ▪ A. BARBOSA
DE ABREU ▪ GOUVÊA PORTELA ▪ L. BRAGA CAMPOS ▪ J. J. DELGADO DOMINGOS ▪ A. F.
OLIVEIRA FALCÃO ▪ DOMINGOS MOURA ▪ H. CAMPOS NETO ▪ A. LARCHER BRINCA ▪ J. F.
QUINTINO ROGADO ▪ M. AMARAL FORTES ▪ M. BAPTISTA BRAZ ▪ M. PEREIRA COUTINHO
FERNANDO ESTÁCIO ▪ P. O. PEREIRA SANTOS ▪ A. A. MONTEIRO ALVES ▪ BRITALDO RODRI-
GUES ▪ L. AIRES DE BARROS ▪ MATOS ALVES ▪ M. PORTUGAL FERREIRA ▪ ANTÓNIO RIBEIRO
FRANCISCO GONÇALVES ▪ TELLES ANTUNES ▪ LUÍS ARCHER ▪ J. MONTEZUMA DE CARVALHO
J. FIRMINO MESQUITA ▪ ABÍLIO FERNANDES ▪ J. MALATO-BELIZ ▪ ARSÉNIO PATO DE
CARVALHO ▪ A. XAVIER DA CUNHA ▪ ALLEN DEBUS ▪ J. SIMÕES REDINHA ▪ SEBASTIÃO
J. FORMOSINHO ▪ A. M. A. ROCHA GONSALVES ▪ L. ALMEIDA ALVES ▪ OLIVEIRA CABRAL
FRAÚSTO DA SILVA ▪ JOSÉ V. PINA MARTINS ▪ AMÉRICO COSTA RAMALHO ▪ FERNANDO
REBELO ▪ C. ALBERTO MEDEIROS ▪ ILÍDIO DO AMARAL ▪ MANUEL GARRIDO ARAÚJO
MANUEL VIEGAS GUERREIRO ▪ A. SIMÕES LOPES ▪ A. SOUSA FRANCO ▪ ONÉSIMO T. ALMEIDA
JUSTINO MENDES DE ALMEIDA ▪ FRANCISCO GAMA CAEIRO ▪ RÓMULO DE CARVALHO

HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA EM PORTUGAL NO SÉC. XX

III VOLUME



PUBLICAÇÕES DO II CENTENÁRIO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA
LISBOA • 1992

MEIO SÉCULO DE ESTUDOS CLÁSSICOS EM COIMBRA :
BREVES NOTAS

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO *

Summary

Starting with the activity of two of the professors of Classics of Coimbra University, fifty years ago, the Author of this paper proceeds to describe the research now being done in Greek and Latin by himself and his colleagues in the same University.

He concentrates mainly on the books and articles published in Coimbra in the field of Portuguese Humanism of the XVIth century, and Renaissance Latin.

A falta de tempo no momento presente não me permite ocupar-me senão de Coimbra, a Universidade portuguesa que melhor conheço. Isto não quer dizer que outras universidades não disponham de florescentes Departamentos de Estudos Clássicos, como a Universidade de Lisboa, e que em certas universidades, onde não existe tal departamento, se não encontrem notáveis latinistas, e até helenistas, como no Porto, em Braga, em Viseu, em Aveiro ou em Évora. Um estudo circunstanciado sobre a sua actividade ficará para outra ocasião.

Em Coimbra, há cinquenta anos, as Humanidades Clássicas concentravam-se na actividade pedagógica, primeiro do Doutor Carlos Simões Ventura, catedrático de Grego; e a partir de 1939-1940, e por alguns anos, simultaneamente com o Professor Ventura, na actividade do Doutor Francisco da Luz Rebelo Gonçalves, catedrático de Latim.

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

O Professor Rebelo Gonçalves, que foi sócio de mérito desta Academia, e nela se tornou conhecido principalmente como o seu representante no Acordo Ortográfico de 1943, era um homem cuja formação universitária se fizera na Faculdade de Letras de Lisboa. Entre os seus professores contaram-se Leite de Vasconcelos, José Maria Rodrigues e José Joaquim Nunes.

A sua acção nos doze anos em que permaneceu em Coimbra, de 1939 a 1951, exerceu-se nas aulas de latinista competente e rigoroso e num certo número de iniciativas de repercussão futura, como a fundação do Instituto de Estudos Clássicos e a publicação da revista *Humanitas*, ambos hoje em plena *uita uitalis*, como diziam os latinos.

A acção do Prof. Rebelo Gonçalves não pôde exercer-se no microcosmo de investigação que eram então as dissertações de licenciatura, porque este campo estava já ocupado à sua chegada a Coimbra e assim continuou durante todo o tempo da sua permanência. Com efeito, o Prof. Carlos Simões Ventura, o docente mais antigo e aquele que chamara Rebelo Gonçalves para Coimbra, conseguindo que o Conselho da Faculdade de Letras o nomeasse catedrático por convite, ou por distinção, como então se dizia, o Prof. Simões Ventura escolhera há muito um campo de investigação para os licenciados em Filologia Clássica. Era ele a elaboração de um léxico das comédias de Terêncio, um *Lexicon Terentianum*, à semelhança do *Lexicon Plautinum* de González-Lodge.

Durante muitos anos, os licenciados de Filologia Clássica, decerto pouco numerosos, mas alguns dos mais classificados da Faculdade, porque o curso era difícil mas tinha lugar garantido no liceu, entregaram-se à tarefa de fazer verbetes e classificar palavras para um trabalho, mais útil em termos de treino filológico individual, do que de resultado final. Não havia coordenador do trabalho, e, apenas, a partir de certa altura, algumas regras fixadas por uma estudante, boa aluna.

Quando, depois do meu doutoramento, disse ao Professor Simões Ventura que ia examinar o trabalho já feito e estudar a viabilidade de concluir e publicar o *Lexicon Terentianum*, recebi do meu Mestre a resposta: «o Ramalho faça como entender, mas não perca tempo com o *Lexicon Terentianum*, se achar que não vale a pena».

Foi uma extraordinária lição de *humanitas*, de cultura e compreensão humana, que recebi nestas palavras. O Prof. Ventura dera-se conta de que o trabalho feito necessitava de uma profunda revisão que equivalia a fazer tudo de novo. E sabia que o seu jovem 1.º assistente tinha, já

então, outras inclinações¹. Ele não queria, de forma alguma, coarctar a liberdade do primeiro doutor que, em muitos anos, aparecera na Secção de Filologia Clássica da Faculdade de Letras de Coimbra.

Gostaria de falar um pouco sobre a extraordinária personalidade de Carlos Simões Ventura, nascido em Coimbra, em 1893, e aí falecido oitenta e dois anos mais tarde, assim atingindo uma idade que nem ele nem os seus discípulos jamais lhe teriam augurado. Era de frágil saúde, tinha irites frequentes, escrevia com dificuldade física e com a mão esquerda, com a consequência de que os milhares de verbetes que foi preenchendo a lápis, ao longo de uma vida de leitura permanente, estão hoje quase ilegíveis. Pouco publicou, além das teses indispensáveis à sua carreira universitária, uma sobre *Tácito* e outra sobre o *Aspecto Verbal*. Entre os artigos, um sobre o texto da «Carta de Pêro Vaz de Caminha», raramente citado. E, no entanto, talvez não houvesse em Portugal no seu tempo quem, como ele, conhecesse a língua portuguesa da Época dos Descobrimentos.

Mas na sala de aula era soberano. Com uma sólida formação linguística, a sua introdução ao estudo da fonética e da morfologia do Grego Antigo, em aulas sucessivas, tornava-se um exercício de inteligência e de racionalidade que marcava os alunos, pelo menos os melhores, para o resto da sua vida intelectual. Por uma reforma devida ao Prof. Gustavo Cordeiro Ramos, que foi membro desta Academia, a cadeira de Grego Elementar ou Introdução ao Grego era então obrigatória para todos os cursos de línguas e literaturas, então chamados Filologias: Clássica, Românica e Germânica. Não se estudava o Grego no liceu.

Hoje alguns alunos estudam dois anos de Grego no ensino secundário. E eu próprio fui autor, ou melhor, co-autor de um livro de Grego para o liceu.

Mas o sistema anterior, com uma iniciação universitária como a do Doutor Ventura, era muito preferível. Deste modo recebiam um excelente treino linguístico, logo à entrada da Faculdade, os alunos de todas as literaturas. O positivismo linguístico em que o helenista Simões

¹ O *Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, relativos à Antiguidade Clássica*, Coimbra, 1965, inteiramente elaborado por mim, como o Prof. Simões Ventura sabia, mostra claramente que já então me seduziam os estudos sobre Humanismo em Portugal. Diga-se, a propósito, que o *Catálogo* foi considerado por Antonio Tovar, em recensão em *Emerita* XV, Madrid, 1947, p. 282, «como muestra del despertar de los estudios clásicos en el país hermano».

Ventura fora educado pelo seu mestre Epifânio Dias, era nele temperado pela reflexão, por muitas leituras bem assimiladas e por uma intuição filológica que se comunicavam ao aluno e lhe davam o respeito pela ciência das línguas a nível universitário. Não apenas os conhecimentos eram importantes neste tipo de aprendizado. Para os estudantes de línguas e literaturas românicas, de anglística, de germanística a memória das formas do Grego podia desvanecer-se com o tempo, mas ficava o tipo de abordagem linguística, ficava a atitude de seriedade perante o fenómeno linguístico. E neste campo o ensino de Simões Ventura era insuperável.

Os estudantes de Filologia Clássica continuavam seus alunos por mais três anos. A cadeira mais difícil era sem dúvida Grego I, vinda depois do Grego Elementar, porque na cadeira inicial o programa era reduzido, mas no fim do primeiro período de Grego I, em Dezembro, tinham os alunos de ser capazes de traduzir sem dicionário um certo número de textos marcados com antecedência. Simões Ventura considerava que o trabalho do professor era de pouca valia, se o estudante não estudasse todos os dias, regularmente, adquirindo a língua por iniciativa própria.

Depois, as aulas sobre autores diferentes dos marcados para a tradução sem dicionário. Eram verdadeiramente luminosas. Com o extraordinário domínio que tinha da língua portuguesa, tanto da popular como da literária e clássica, Simões Ventura por aproximações sucessivas, analisando o texto grego, primeiro numa versão literal, para que o aluno entendesse o grego, pensando como se fosse grego, e depois em versões portuguesas cada vez mais perfeitas e mais simples — a simplicidade era o seu objectivo! — o Professor chegava a resultados surpreendentes que os alunos ouviam com pasmo, não raramente. Acabavam por compreender que para bem traduzir uma língua, antiga ou moderna, o conhecimento da nossa própria língua é, pelo menos, tão importante como o da língua estrangeira.

E estes hábitos de bem traduzir e de bem escrever faziam simultaneamente bons helenistas e excelentes professores de Português.

Não admira, pois, que o Doutor Simões Ventura tenha criado em Coimbra um alfofre de helenistas, e que a geração presente dos catedráticos de Estudos Clássicos conimbricenses, à excepção de um, que não foi seu aluno, se tenha doutorado com teses sobre a Literatura e Cultura Gregas: eu próprio, o mais antigo, com *Διπλᾶ Ὀνόματα no Estilo de Aristóphanes* (1952), Maria Helena da Rocha Pereira, com *Concepções Helénicas de Felicidade no Além* (1955), Walter de Sousa Medeiros,

Hipónax de Éfeso: I - Fragmentos dos Iambos (1961) e Manuel de Oliveira Pulquério, *Estrutura e função do diálogo lírico-epirremático em Ésquilo* (1964). Os meus três colegas, acabados de mencionar, fizeram ainda no domínio do Grego as suas teses de concurso, a saber, a Doutora Rocha Pereira, *Sobre a autenticidade do fragmento 44 Diehl de Anacreonte*; Doutor Medeiros, *Hipponactea (Subsídios para uma nova edição crítica do iambógrafo de Éfeso)*; Doutor Pulquério, *Características métricas das monódias de Eurípides*. Pela minha parte, com vista ao concurso à vaga deixada pelo Prof. Rebelo Gonçalves, no seu regresso a Lisboa, a vaga de Latim, preferi um tema de língua latina, tratando de relações entre *Colocação e Métrica no Adjectivo de Terêncio*. Mas continuei a ensinar Língua Grega, sempre que era necessário.

Feito este resumo sobre os Estudos Clássicos na Universidade de Coimbra, no mês em que faz cinquenta anos que assisti às primeiras aulas na sua Faculdade de Letras, direi alguma coisa sobre as orientações actuais.

A parte de Grego continuou sempre muito forte, dirigida por dois helenistas de grande prestígio, a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira e o Doutor Manuel de Oliveira Pulquério, ambos com numerosa e valiosa bibliografia publicada, distinguindo-se no caso da Doutora Rocha Pereira, os dois volumes de *Estudos de História da Cultura Clássica* que têm servido de livro fundamental a centenas de estudantes, em Portugal e no Brasil, e a edição crítica de *Pausânias*, publicada na colecção alemã, Teubner. Pelo que concerne ao Doutor Pulquério a quem tive a honra de iniciar no Grego, durante a minha passagem pela Faculdade de Letras de Lisboa, e que mais tarde levei para Coimbra, um dos seus livros, *Problemática da tragédia sofocliana*, mereceu, na altura da sua publicação, em 1968, um prémio nacional.

O Doutor Walter de Medeiros veio a ocupar uma das cátedras de Latim e tem-se distinguido pela série de notáveis traduções de autores latinos que vem publicando na colecção que dirige em Coimbra.

Deixei, para o fim, o mais recente dos catedráticos, o Doutor José Geraldes Freire, que se dedicou ao Latim Cristão, e publicou as teses *A versão latina por Pascásio de Dume dos «Apophtegmata Patrum»* (1971) e *Commonitiones Sanctorum Patrum: uma nova colecção de apotegmas* (1974). É também autor de abundante bibliografia na sua especialidade.

Os cinco catedráticos de Estudos Clássicos iniciaram todos a sua carreira a convite do Prof. Simões Ventura e durante a vigência da sua direcção da então chamada Secção de Filologia Clássica. Uma caracte-

rística do espírito largo do Doutor Ventura era a completa ausência de ciúmeira institucional, quero dizer, de que os seus colaboradores frequentassem outros mestres e outros meios universitários, no estrangeiro, que ele não pudera conhecer. Foi assim que, longe de desviar os seus discípulos de estudarem além-fronteiras, foi ele quem mais os encorajou a completarem fora de Portugal o seu aprendizado e a sua informação bibliográfica. Seguindo esta orientação, ainda quando era assistente da Faculdade de Letras de Lisboa (e desejo aqui lembrar a boa vontade do meu catedrático de então, Prof. Simões Neves), parti para Oxford; Maria Helena da Rocha Pereira esteve igualmente em Oxford; Walter de Medeiros em Roma; Manuel Pulquério em Hamburgo; Gerald Freire em Nimega. Todos, como bolseiros do Instituto de Alta Cultura.

Os doutores da geração mais nova em Estudos Clássicos, na Faculdade de Letras de Coimbra, têm seguido a mesma prática, mas dirigindo-se de preferência a Paris, agora com bolsas do Instituto Nacional de Investigação Científica e da Fundação Calouste Gulbenkian. Darei os seus nomes e as respectivas teses de doutoramento: Sebastião de Pinho Lopo Serrão e o seu *Poema da Velhice* (1983); José Ribeiro Ferreira, *Hélade e Helenos: génese e evolução de um conceito* (1983); Maria de Fátima Sousa e Silva, *Crítica Literária na Comédia Antiga* (1984); Francisco de Oliveira, *Ideias morais e políticas em Plínio-o-Antigo* (1986); Maria do Céu Grácio Zambujo Fialho, que fez um estágio na Alemanha, escreveu sobre *Luz e trevas no teatro de Sófocles* (1988); Nair de Nazaré Castro Soares estagiou em Paris e doutorou-se em 1990, em Coimbra, com a tese *O Príncipe Ideal no século XVI e o «De Regis Institutione et Disciplina» de D. Jerónimo Osório*.

Durante muitos anos, existiu na Faculdade de Letras o exame de licenciatura, no final de cada curso, que compreendia uma prova escrita sobre uma das cadeiras principais da respectiva licenciatura e três provas orais sobre o programa, por vezes alargado para a ocasião, de três cadeiras principais. Se o licenciado conseguia passar em todas as provas, aguardava-o a discussão de uma dissertação de licenciatura que, geralmente, lhe levava dois anos a escrever, sendo menos os que se desembaraçavam num ano e, mais raros ainda, raríssimos os que se licenciavam no mesmo ano em que concluíam as cadeiras do quarto ano da Faculdade.

Esta situação, desvantajosa para os licenciados em Letras que entravam no mundo do trabalho mais tarde que os seus colegas de Ciências, onde as provas finais de licenciatura e a tese não existiam, acabou por

ser abolida. Os alunos de Letras, e portanto os de Filologia Clássica, passaram a licenciar-se sem exame de licenciatura e sem tese.

Durante a vigência da obrigatoriedade da tese, e findo o período do léxico terenciano, em Clássicas, em Coimbra, as dissertações de licenciatura dividiram-se por dois campos, o teatro grego, dirigido pela Doutora Rocha Pereira e o Latim Renascentista, orientado por mim próprio. Assim se formou, no primeiro caso, uma importante colecção de traduções comentadas de peças de teatro ateniense do V século a.C., de Ésquilo, de Sófocles, de Eurípides, de Aristófanes ou de autores do século seguinte, como do teatro de Menandro, ou dos diálogos filosóficos de Platão, toda esta bibliografia de cultura grega, publicada hoje em grande parte na «Colecção de textos clássicos» do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, dependente do Instituto Nacional de Investigação Científica. Hoje, a essas publicações provenientes das antigas dissertações de licenciatura, juntaram-se versões de teatro grego e latino, e de outras matérias, de variados autores como Maria Helena da Rocha Pereira, Walter de Medeiros, Manuel Pulquério, Fátima Silva, José Ribeiro Ferreira, Francisco de Oliveira, Ana Paula Sottomayor, Maria do Céu Fialho, Louro Fonseca, Maria Teresa Schiappa de Azevedo e eu próprio.

Tratarei agora dos trabalhos feitos no domínio do Latim Renascentista, uma cadeira que tive a felicidade de criar em Coimbra, onde pela primeira vez funcionou no nosso País, e de introduzir na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ao nível de pós-graduação.

Antes de mais, é preciso explicar que as sucessivas reformas do ensino em Portugal, tinham vindo a reduzir a importância do latim no ensino secundário, por forma tal que o nosso país é hoje na Europa Ocidental aquele onde menos latim se estuda e onde o latim tem menor importância na formação intelectual da juventude.

A cada passo se ouvia falar da inutilidade do Latim, em confronto com as línguas modernas que muitos, com uma designação abusiva por contraste ao latim, chamam de *línguas vivas*.

Naturalmente, esta posição de hostilidade ao latim ignora por completo, não só o seu valor formativo, mas também a sua importância cultural para o estudo das Literaturas, das Línguas (românicas e outras), do Direito, da História, da Filosofia, enfim, da Cultura Ocidental. Isto mesmo ficou demonstrado, por exemplo, no *Colóquio sobre o Ensino*

do Latim reunido em Coimbra, em 1973, cujas actas merecem ser lidas por quem se interessa pelos problemas da Educação em Portugal.

Os latinistas eram, pois, confrontados com a questão da utilidade do Latim.

Ora acontece que a língua latina foi o veículo internacional da cultura europeia, no século dos Descobrimentos, e que na época do Renascimento e séculos seguintes, o Humanismo se exprimiu em latim. Isto para não falar do Latim da Igreja e do Latim Medieval.

No caso do nosso País, existe uma abundante e valiosa literatura escrita em latim que nos séculos passados podia ser lida em língua original, mas hoje precisa de ser traduzida e comentada para poder ser incorporada na Cultura Portuguesa. Digamos que o Latim é, como todos sabem, a língua do Humanismo Renascentista.

Estudos modernos sobre este Humanismo vinham sendo feitos em Coimbra, e fora de Coimbra, por investigadores que não eram propriamente classicistas: Gonçalves Cerejeira, Joaquim de Carvalho, Costa Pimpão, Mário Brandão, José Sebastião da Silva Dias, Artur Moreira de Sá, António José Saraiva, José Vitorino de Pina Martins e outros. Moreira de Sá iniciara, no seu «Centro de Estudos de Psicologia e de História da Filosofia anexo à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa», a publicação de textos dos humanistas, com tradução do Dr. Miguel Pinto de Meneses, um latinista de formação coimbrã.

E a publicação dos documentos da Universidade Medieval e Renascentista, na fase de Lisboa e na fase de Coimbra, que Moreira de Sá editou à frente de uma equipa de que fazia parte um excelente paleógrafo do Arquivo da Universidade de Coimbra, o senhor Guilherme Bernardino, a publicação do *Chartularium Vniuersitatis Portucalensis* em oito volumes e do seu *Auctarium*, em mais três volumes, é um serviço importante que a História da Cultura em Portugal fica devendo a Moreira de Sá. No título latino da obra, *Portucalensis* quer dizer «Portuguesa», sem distinções especiosas entre Lisboa e Coimbra.

Nas dissertações de licenciatura conimbricenses, evitámos cuidadosamente repetir os textos que já haviam sido traduzidos e comentados pelo centro de Moreira de Sá. A primeira tese de licenciatura sobre latim humanístico (1959) versava a oração que o francês Arnold Fabrice pronunciou em Coimbra, em 21 de Fevereiro de 1548, na inauguração solene do Colégio das Artes, fundado por D. João III. Para muitos, essa era a manifestação mais significativa do início do Humanismo Renascentista em Portugal. Entretanto, em Setembro de 1959, partia eu para os Estados

Unidos, como professor visitante da New York University, para aí ensinar Literatura Portuguesa do Século XVI, no primeiro curso de Doutoramento em Estudos Luso-Brasileiros que se efectuava em Nova Iorque e creio que nos Estados Unidos. Aqui tive tempo para frequentar a New York Public Library, a biblioteca da Hispanic Society of America, também em Nova Iorque, e a Library of Congress, em Washington. Nestas e em outras bibliotecas americanas, que seria ocioso citar, encontrei livros relativos a Portugal e à Cultura Quinhentista no nosso país, que nunca me fora dado ver entre nós. E o que é mais, adquirir nas ricas e variadas livrarias de Nova Iorque abundante e valiosa bibliografia em inglês sobre o Renascimento Europeu, mormente o Italiano, que nunca poderia ter comprado em Portugal.

Quando regresssei, três anos depois, vinha mais decidido do que nunca a mostrar a utilidade do Latim para a História da Cultura Portuguesa, sobretudo do século XVI.

Também pudera verificar que os estudiosos do Humanismo fora de Portugal começam por saber Latim e Grego, os dois instrumentos indispensáveis para lerem os textos originais. Ainda no Verão passado, me ofereceram em Itália um livro que se não encontra facilmente nas bibliotecas, mesmo nas italianas, e é uma das primeiras produções de um dos maiores investigadores do Renascimento Italiano, estudioso de Giovanni Pico de la Mirandola e de tantas outras figuras do *Quattrocentto*. Refiro-me a Eugenio Garin (n. 1909) e à sua tradução do *Fedro* de Platão, de que possui a 2.ª edição, impressa em Verona, em 1941.

Voltando, porém, ao Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra onde retomei os meus trabalhos no Outono de 1962: orientei, no ano lectivo de 1962-63, uma tese de licenciatura sobre outra oração universitária conimbricense de 1548. Agora de um sevilhano. A de Arnaldo Fabrício, um francês — a que me referi antes —, fora pronunciada no Colégio das Artes em 21 de Fevereiro, esta de Juan Fernández, foi recitada na Universidade em 17 de Julho do mesmo ano de 1548. Veio a ser a tese de licenciatura em 1963 de um jovem e aplicado estudante, dotado de raras qualidades de investigador, de seu nome Jorge Alves Osório. A *Oração sobre a Fama da Universidade (1548) de Mestre João Fernandes*, título da sua tese, foi publicada em livro pelo Instituto de Estudos Clássicos em 1967.

A terceira oração do ano de 1548, a de Belchior Beliago na Universidade, em 1 de Outubro, fora já publicada pelo Centro de Estudos

Humanísticos do Porto, em 1959, com tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira.

O jovem licenciado Jorge Alves Osório tinha-se tornado um investigador do Humanismo em Portugal. Anos mais tarde, em 1978, doutorava-se na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, apresentando como tese principal *O Humanismo Português e Erasmo. Os Colóquios de Erasmo editados em Coimbra no século XVI. Estudo e apresentação crítica do texto*, 2 tomos, e como tese complementar, *Contribuição para o estudo do Humanismo de João de Barros*. Hoje, é catedrático de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras do Porto e os trabalhos, que tem continuado a publicar, creditam-no como um dos nossos melhores especialistas de Erasmo.

Entretanto, sem abandonar os meados do século XVI, resolvi concentrar-me nos finais do século XV. Durante a minha permanência em Nova Iorque, encontrara eu na Hispanic Society of America um exemplar de algumas das obras de Cataldo Parisio Sículo e alguém me tinha oferecido o tomo II do vol. VI das *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, de António Caetano de Sousa, onde vinham 222 páginas de versos de Cataldo.

Por outro lado, Joaquim de Carvalho, outro sócio conimbricense desta Academia, que fora meu professor e meu amigo, para quem eu traduzia latim, escrevera mais de uma vez sobre a necessidade de traduzir Cataldo. E à minha partida para os Estados Unidos, da última vez que o vi, internado na clínica de seu filho, insistia uma vez mais que me ocupasse daquele latim humanístico que poucos conseguiam entender.

Quando regresssei a Portugal, era-me familiar a parte mais difícil de Cataldo Parisio Sículo, os seus versos que eu lia diurna e nocturnamente no exemplar das *Provas da História Genealógica*.

Sobre Cataldo, havia apenas, digno de consideração, um apontamento em nota do Doutor Manuel Gonçalves Cerejeira, na sua tese de 1918, que veio a ser publicada como II volume do seu *Clenardo*, um volume menos reeditado, menos conhecido e menos valioso do que o primeiro. Foi reeditado em 1975, não de todo despojado de alguns erros da 1.ª edição.

Voltando a Cataldo Parisio, o trabalho mais valioso, então existente, era o breve mas importante artigo de Luís de Matos, «Nótulas sobre o humanista italiano Cataldo Parisio Sículo», publicado na revista *A Cidade de Évora*, 35-36 (1954), pp. 3-13.

Regressado a Coimbra, consegui uma fotocópia das *Epistolae et Orationes quaedam Cataldi*, o volume publicado por Valentim Fernandes, em Lisboa, a 21 de Fevereiro de 1500, um incunábulo, portanto. Essas fotografias foram o meu pábulo intelectual durante anos.

As teses de licenciatura sobre Cataldo sucederam-se. Eram constituídas na sua maioria por tentativas de versão e interpretação do difícil latim cataldiano, sobretudo nos versos. Uma lista delas pode encontrar-se na «Bibliografia» da bela reprodução anastática dos dois volumes das *Epistolae Cataldi* que a Biblioteca da Universidade de Coimbra publicou em 1988.

Dois livros saíram dessas dissertações de Cataldo, ambos publicados com introduções minhas e com a minha revisão, o de Dulce da Cruz Vieira, com a versão portuguesa do *Martinho, Verdadeiro Salomão*, poema heróico sobre D. Martinho Castelo Branco, conde de Vila Nova de Portimão, falecido em 1527, importante figura das cortes de D. João II, D. Manuel e D. João III; e o de Maria Margarida Gomes da Silva, *Duas Orações* de Cataldo, sobre o discurso do humanista, na entrada em Évora da princesa Isabel de Castela, mulher do príncipe D. Afonso, em 28 de Novembro de 1490, e o que escreveu para a entrada em Santarém da rainha D. Maria, mulher de D. Manuel, cerca de 1501.

Entretanto, a preocupação com a figura de Cataldo reflectia-se nas minhas próprias publicações. Há capítulos sobre o humanista nos meus livros: *Estudos sobre a época do Renascimento*, Coimbra, 1969; *Estudos sobre o Século XVI*, 1.ª ed. 1980, 2.ª ed. aumentada, 1983; *Latim Renascentista em Portugal*, Coimbra, 1985, onde publico uma tradução minha do poema *Arcitinge* sobre a conquista de Arzila e Tânger em 1471 e várias cartas de Cataldo; e *Para a História do Humanismo em Portugal-I*, Coimbra, 1988.

Dir-se-á que, com todas estas publicações, Cataldo Parisio Sículo, o mestre chegado a Portugal em 1485, que considero o introdutor do Humanismo no nosso País, está bem situado no seu tempo e a sua acção esclarecida. Infelizmente, não! Em Portugal, nos estudos de História da Cultura, a força da inércia e a rotina são avassaladoras. As investigações sobre Cataldo vieram provar que ele nunca se chamou *Aquila*, nome que se lhe dava quando comecei a estudá-lo, e que *Aquila* é o título de um seu poema. Essas investigações explicavam mesmo como é que *Aquila* se introduziu no nome do humanista. Todavia, em livros recentemente publicados, ele continua a ser Cataldo Aquila, em vez de Cataldo Parisio, seu verdadeiro nome.

Também continua a escrever-se que o fidalgo João Rodrigues de Sá de Meneses foi aluno, na Universidade de Florença, do humanista Ângelo Policiano, apesar de Sá de Meneses ter seis ou sete anos de idade, quando Policiano faleceu em 1494.

Mas deixemo-nos de lembranças tristes. As investigações sobre Cataldo, as suas cartas e os seus versos vieram lançar uma luz inesperada sobre a vida cultural da corte portuguesa no final do século XV, com a existência de fidalgos cultivados, como o já citado Sá de Meneses ou o 2.º marquês de Vila Real, D. Fernando de Meneses, ou o conde de Alcoutim, seu filho, D. Pedro de Meneses. Mostraram também essas investigações um grupo de mulheres instruídas, leitoras do Latim de Cataldo, como a rainha D. Leonor, viúva de D. João II, a rainha D. Maria, segunda mulher de D. Manuel, com quem casara em 1500, a infanta D. Joana, irmã de D. João II, falecida em 1490, D. Leonor de Noronha, filha dos marqueses de Vila Real, aluna de Cataldo. E tudo isto, algumas décadas antes da Infanta D. Maria e as suas Damas.

Os estudos sobre Estêvão Cavaleiro, principalmente sobre a sua gramática, publicada em Lisboa, em 1516, vieram revelar as tensões internas na Universidade de Lisboa, perante o advento da nova cultura humanística, chegada de Itália. No final do século XV estudaram muitos portugueses de alto nível intelectual, em universidades italianas. Mencionei aqui, apenas, o impulsivo e infeliz bispo de Évora, D. Garcia de Meneses, cujo discurso de exortação à cruzada contra os Turcos é escrito em magnífico latim. Foi pronunciado em Roma, perante o papa Sisto IV, em 31 de Agosto de 1481. Traduzi-o em *Latim Renascentista em Portugal*, pp. 64-97.

Investigações posteriores sobre Lourenço de Cáceres e o seu *Epigrammaton Libellus*, publicado cerca de 1516, vieram estabelecer a transição entre um grupo contemporâneo dos últimos anos de Cataldo, mas independente do siciliano, e o humanismo dos anos vinte do século XVI, em Portugal, na corte e na universidade.

Ainda do tempo das teses de licenciatura são duas sobre teatro, publicadas, uma por iniciativa do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, a de Nair de Castro Soares, a respeito da *Tragédia do Príncipe João* de Diogo de Teive, que terá influenciado a *Castro* de António Ferreira, e outra, publicada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, sobre a tragédia *Eduardus* de Diogo Paiva de Andrade, a respeito da morte do infante D. Duarte de Bragança, irmão de D. João IV, prisioneiro

neiro dos espanhóis em Milão. Foi autor desta dissertação de licenciatura, João Nuno Pereira Pinto.

A interrupção das teses de licenciatura — e várias são as que nunca foram impressas, não obstante serem dignas disso — dizia eu que a interrupção das teses de licenciatura foi recentemente compensada pela criação do grau de Mestre, com obrigação de uma dissertação. No Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra, os mestrandos podem escrever o seu trabalho final ou em Literatura Grega, normalmente o teatro, ou em Latim Renascentista, isto é, sobre textos latinos do Humanismo em Portugal. Em Literatura Grega já foi defendida uma tese, em Latim Renascentista cinco teses. Destas últimas, foi impressa em 1988 a de Virgínia Soares Pereira, intitulada *André de Resende: Carta a Bartolomeu Quevedo*. De um curso de Latim Renascentista, ao nível de licenciatura, resultou o livro de Carlos Ascenso André, com o título *Diogo Pires: Antologia Poética* (1983). Diogo Pires é Didacus Pyrrhus Lusitanus, um dos mais famosos poetas latinos da segunda metade do século XVI, judeu português exilado, que acabou os seus dias em Dubrovnik, na actual Jugoslávia.

Isaltina Figueiredo Martins, colaboradora do Centro, publicou uma útil *Bibliografia do Humanismo em Portugal no Século XVI*.

Para terminar, recorro à acção revitalizante dos Estudos Clássicos em Portugal, exercida pelas revistas da especialidade: *Humanitas* e *Boletim de Estudos Clássicos*, editadas em Coimbra, *Euphrosyne* e *Classica*, publicadas em Lisboa. E a actividade benemérita, desde há quase trinta anos, da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, com sede em Coimbra, nas suas sessões mensais, entre Dezembro e Junho, ou da recém-fundada Sociedade de Professores de Latim e Grego, com sede no Entroncamento.

Qual o futuro dos Estudos Clássicos em Portugal? Não é fácil responder, ante o horror ao esforço que caracteriza o nosso ensino, sobretudo o secundário, e o Grego e o Latim são línguas que dão trabalho. Mas nunca, no presente século, foram as Humanidades Clássicas campo de investigação cultural e fonte de enriquecimento do espírito, tão aliciantes, como nos últimos anos.